

A presente obra tem como objetivo principal a reflexão da expressão: amar e servir, identificada na história de santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa instituída no século XVI, cuja conversão e espiritualidade do Santo justifica o tema desse trabalho. O conteúdo destaca aspectos de sua vida e testemunho, o contexto histórico e a consciência religiosa da época. Também, estão inseridos textos da obra do Padre Alexandrino Monteiro, o qual dedicou-se na compreensão do roteiro das orações apresentadas nos Exercícios Espirituais - livro considerado como um dos mais importantes legados deixados por Santo Inácio e base de toda a Instituição Jesuíta. Além disso é destacado no desenvolvimento referências da expressão: amar e servir, fundamentada em Jesus, Santa Tereza D'Ávila, no Concílio Vaticano II e no Pontificado do Papa Francisco. Em síntese, o tema central do trabalho traz uma reflexão: o homem contemporâneo tem amado e servido ao próximo ou apenas a si mesmo? A proposta do livro consiste em um convite para amar e servir conforme o exemplo de vida, ensinamentos de Santo Inácio de Loyola, acreditando assim, que as observações desta pesquisa servem de alicerce para uma sociedade mais justa e fraterna.



**O amar e servir sob o olhar
de Santo Inácio de Loyola**

O amar e servir sob o olhar de Santo Inácio de Loyola

A experiência mística no decorrer da sua história de vida

Kleber Barreto de Jesus
Elismael Silva Ferreira

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

JESUS, Kleber Barreto de

O amar e servir sob o olhar de Santo Inácio de Loyola: a experiência mística no decorrer da sua história de vida [recurso eletrônico] / Kleber Barreto de Jesus; Elismael Silva Ferreira -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

64 p.

ISBN - 978-85-5696-437-3

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Conversão, 2. Espiritualidade, 3. Santo, 4. Testemunho, 5. Amar, 6. Servir.; I. Título.

CDD: 200

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia 200

“Tomai Senhor e recebei: toda minha liberdade, memória, entendimento e vontade.

Tudo que tenho e possuo, Vós me destes com amor. Todos os dons que me destes, com gratidão Vos devolvo. Faça deles Senhor, segundo a Vossa vontade. Dai-me somente o Vosso amor e Vossa graça, pois isto me basta. ”

(Santo Inácio de Loyola)

Sumário

Introdução	11
Capítulo I	15
Quem foi Inácio de Loyola	
1.1 Contexto histórico	15
1.2 Personalidade e contexto familiar	20
1.3 A experiência com o Duque de Nájera	24
1.4 A experiência em Pamplona	26
1.5 O ferimento na Batalha	27
Capítulo II	29
Exercícios espirituais	
2.1 Introdução aos Exercícios	29
2.2 Semana I.....	30
2.2.1 Meditação I: verdades fundamentais.....	30
2.2.2 Meditação II: o fim do homem.....	32
2.2.3 Meditações III: o fim das criaturas	33
2.2.4 Meditação IV: indiferença.....	33
2.2.5 Meditação V: pecado	34
2.3 Semana II	36
2.3.1 Vida oculta e pública de Jesus.....	36
2.4 Semana III	41
2.4.1 Paixão e morte de Jesus	41
2.5 Semana IV	44
2.5.1 Glorificação de Jesus.....	44
Capítulo III.....	47
Amar e servir no decorrer da história	
3.1 O “amar e servir” no Novo Testamento.....	48
3.2 O “amar e servir” em Santa Teresa D`Ávila.....	49
3.3 O “amar e servir” no Concílio Vaticano II.....	50
3.4 O “amar e servir” no Papa Francisco.....	53
Conclusão.....	57
Referências	61

Introdução

Tendo em vista o contexto histórico e as profundas mudanças pelas quais a Igreja passou no século XVI, este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal externar o modelo de “amar e servir”, identificado na vida e nos escritos de Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus - ordem religiosa instituída nesse mesmo século.

A figura de Inácio torna-se evidente na contribuição para o renascimento do catolicismo e permanece fortemente ligada ao movimento de “reação às reformas protestantes”. Por esse motivo, segundo alguns autores, a atuação dos jesuítas foi de fundamental importância na renovação e propagação do cristianismo e na luta contra a heresia.

O conteúdo do trabalho destaca a pessoa de Inácio de Loyola, um homem que, em pleno século das reformas, procurou se aproximar da Igreja Católica e viver de maneira intensa sua fé, participando das lutas, alegrias e tristezas ocorridas naquela época.

“Em tudo amar e servir” é uma expressão que define a história de Santo Inácio - resume sua vida e testemunho. Sempre seduzido pelas glórias e vaidade do mundo, Inácio deixou tudo isso de lado para dedicar sua vida a Deus. Sua história de conversão e espiritualidade justifica a escolha do tema deste trabalho.

Reconhecido por ter a “alma maior que o mundo”, Inácio de Loyola tem sido objeto de numerosos estudos e biografias. Destaco como uma das mais importantes, a obra de um padre jesuíta, Ricardo Garcia Villoslada, a qual utilizei como fonte bibliográfica.

No primeiro capítulo, há a contextualização acerca do clima religioso do século XVI, período marcado pelo fim da Idade Média,

começo da Renascença, Humanismo, descobertas geográficas e, em especial, a nova consciência religiosa, na qual a Igreja Católica passou por um período delicado – as indulgências e o enfraquecimento das influências Papais influenciaram diretamente em suas decisões, proporcionando um ambiente oportuno ao movimento reformista. Surge, então, a reforma protestante com o intuito de contrapor as práticas relativas à Igreja Católica.

Nesse contexto, nasce na Espanha em 1491, Ínigo Lopez de Loyola – nome de nascença de Santo Inácio. O caçula de uma família religiosa, decidiu seguir a carreira militar e, como jovem valente, entregou-se às ambições e às aventuras das armas e dos amores. Porém, durante um combate em defesa de Pamplona, Inácio foi atingido na perna e precisou se submeter a um sofrido tratamento. Durante o tempo de recuperação, ocupou-se em ler a vida de Cristo e dos Santos. Nascia assim sua conversão.

Os estudiosos relatam que Deus entrou na sua vida, mais profundo que a bala que atingiu sua perna na batalha de Pamplona. Caiu ferido e também ruíram seus sonhos e fantasias humanas. Experimentou sua fraqueza e também a bondade daqueles que dele cuidavam. Aos poucos, foi percebendo que Deus o havia poupado da morte e começou a brotar nele um profundo sentimento de gratidão.

O segundo capítulo, baseado na obra do Pe. Alexandre Monteiro - cuja narrativa remete a um esforço por parte do autor na compreensão dos textos dos Exercícios Espirituais, e cujo livro, possuindo cerca de duzentas páginas, apresenta uma metodologia própria que permite percorrer um caminho interior que vai do “próprio eu” para um “eu mais livre”, profundo e comprometido.

No mesmo capítulo são exploradas as diferentes etapas dos Exercícios Espirituais, chamadas de “semanas”, as quais estimulam o exercitante a tomar consciência do que ele “é”, e do que é chamado a “ser”. No corpo de um pequeno livro, Exercícios Espirituais resume a expressão da espiritualidade de Inácio de Loyola e é base de toda a instituição jesuíta, constituindo-se a principal arma de combate da ordem.

Por fim, no terceiro capítulo, há referências do “amar e servir” de Santo Inácio na história da Igreja. Começando pelo o Antigo e Novo testamento e finalizando no Pontificado do Papa Francisco.

Inácio de Loyola faleceu em Roma, em 31 de julho de 1556, e foi canonizado em 12 de março de 1622, pelo Papa Gregório XV, juntamente com São Francisco Xavier e Santa Tereza D’Ávila.

Capítulo I

Quem foi Inácio de Loyola

1.1 Contexto histórico

Nascido no País Basco¹, localizado no extremo norte da Espanha, Ínigo López de Loyola veio ao mundo em 1491, um ano antes da descoberta da América por Cristóvão Colombo².

O descobrimento da América em 1492, foi um dos acontecimentos mais importantes da época. Abria-se um novo capítulo da expansão europeia, pois, entravam em contato com civilizações desconhecidas. Sob as ordens dos reis católicos da Espanha, Colombo foi o responsável por liderar a frota que alcançou o Continente Americano. (MOTA, 1992, p. 24).

“O Humanismo dá um novo sentido ao homem e aos seus problemas em relação a toda ordem do mundo.” (GIOVANNI, 2005, p. 4). “Já a Renascença representa um tempo mais moderno, marcado principalmente pela revolução científica.” (GIOVANNI, 2005, p. 9).

A questão do período do Humanismo revela-se ainda mais complexa pelo fato de que, nesse período não ocorre apenas mudanças no pensamento filosófico, mas também, em geral, a mudança da vida do homem, em todos os seus aspectos: sociais,

¹ É um território que, apesar do nome, não é um país independente, mas uma área de 20 mil quilômetros quadrados entre a Espanha e a França onde vivem os Bascos.

² Cristóvão Colombo nasceu em Gênova, Itália em 1451. Pouco se conhece dos seus primeiros anos, mas trabalhou como marinheiro e empreendedor marítimo.

políticos, morais, literários, artístico, científico e religioso. (GIOVANNI, 2005, p. 4).

A Renascença é caracterizada pelo individualismo prático e teórico, pela exaltação da vida mundana, pelo acentuado sensualismo, pelas mudanças na religião, pela libertação em relação as autoridades constituídas que haviam dominado a vida espiritual no passado, pelo forte sentido de história, pelo naturalismo filosófico e pelo extraordinário gosto artístico. (GIOVANNI, 2005, p. 10).

“Os séculos XV e XVI testemunharam a luta da Igreja para sair das dificuldades e esses esforços formavam o movimento conhecido como Renascença.” (ALBION, 1969, p. 254).

“Época na qual não havia cidade espanhola em que não florescesse a figura de um herói, um missionário, um conquistador, um poeta, um sábio, um santo. [...] A infância de Ínigo de Loyola pertence ao século XV, iluminada pela nascente alvorada do Renascimento.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 23). Já sua juventude e idade madura pertencem ao XVI. Coube-lhe viver numa época de efervescência ideológica e de inquietação espiritual, na Europa. “Época de Carlos V³, de Lutero⁴ e Calvino⁵ de Leão X⁶, II, Francisco de Vitória⁷ e do Concílio de Trento⁸. Como um homem do Renascimento, o fundador da Companhia de Jesus⁹ era um homem

³ Carlos V, foi Rei da Espanha e lutou pela reunificação da Europa e do Cristianismo.

⁴ Lutero, nasceu na Alemanha em 1483, religioso, desencadeou a Reforma Protestante, estabelecendo uma nova visão teológica.

⁵ João Calvino, nasceu na França em 1509. Teólogo e reformador protestante Francês.

⁶ Leão X, foi eleito Papa em 19 de Março de 1513 e participou da Reforma Protestante.

⁷ Francisco de Vitória, foi um frade dominicano, filósofo, Teólogo e Jurista. Considerado o fundador do direito internacional moderno.

⁸ O Concílio de Trento aconteceu no século XVI e foi resultado de uma das ações da Igreja Católica contra a Reforma Protestante.

⁹ A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa, fundada em 1534 por Inácio de Loyola. Seus membros são chamados de Jesuítas e seguem os ensinamentos da Igreja Católica.

orientado para a modernidade, e por natureza era audacioso e inovador.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 23).

Cada indivíduo estava sozinho perante Deus, sem companhia dos Santos e sem nenhuma ajuda da comunidade da Igreja. A revolta original de Lutero deu início ao desejo da reforma do catolicismo, tal reforma que a própria Igreja realizou mais tarde, no Concílio Tridentino, assim chamado por ter acontecido na Cidade de Trento. (ALBION, 1969, p. 259).

Outra observação que se deve fazer para melhor compreender o espírito de Ínigo de Loyola é que nos anos de sua juventude, todos os espanhóis respiravam um ar de “cruzadas”, nome dado as expedições que os cristãos empreenderam para recuperar os lugares Santos. O movimento das cruzadas abriu ao comércio as rotas do Oriente, mas é discutível a importância que teve no desenvolvimento intelectual, cultural e econômico dos últimos tempos medievais. (ALBION, 1969, p. 40).

Ínigo López de Loyola aparece em destaque no contexto da Reforma do Catolicismo no século XVI.

Por mais de quatro séculos sua figura permaneceu fortemente ligada à ideia do movimento do Protestantismo, respondendo a um esforço da própria Igreja em toma-lo como símbolo da luta contra o avanço do protestantismo. [...] Sua principal obra, a Companhia de Jesus, tornou-se uma das maiores forças católicas da Idade moderna. (BRANDÃO, 1974, p. 74-75).

O abuso da doutrina das indulgências estabeleceu uma séria crise. No pontificado do Papa Leão X, as indulgências eram concedidas aos que fizessem alguma doação para as despesas de reconstrução da Basílica de São Pedro em Roma. Mas, na sua aplicação, ela inevitavelmente passou a dar a impressão de que qualquer um podia comprar alguma remissão do seu tempo de purgatório. Em 1577, Martinho Lutero, um frade agostiniano alemão, protestou e passou a atacar toda a doutrina das indulgências. A medida que as ideias de Lutero se desenvolviam, muitas pessoas afastavam-se cada vez mais dos ensinamentos tradicionais do catolicismo. (ALBION, 1969, p. 258).

“Pensamentos de evangelização e de cruzadas foram os motivos que inflamariam os primeiros ideais de Ínigo López de Loyola.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 42).

Herdeiro de D. Juan Perez, seu pai se chamou Beltrán Yánez e tomou por esposa Dona Marina Sáenz de Licona. O seu contrato matrimonial, com a descrição dos bens e posses, formou-se em Loyola, em 1467. Matrimônio fecundo, pois chegou a procriar treze filhos, e ainda mais fecundo por ter sido um deles Ínigo López de Loyola, predestinado por Deus a resplandecer como um dos maiores luminares do seu século e criar obras e instituições de transcendência universal para o bem da Igreja e da sociedade. [...] Sabemos sumariamente que D. Beltrán foi cavalheiro generoso, grande soldado e militou esforçadamente alguns anos a serviço do Rei D. Henrique IV, dos Reis Católicos, e também do Rei de Navarra. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 57).

Os Loyolas eram relativamente ricos em propriedades. Uma família ambiciosa de glória - traços marcantes herdados por Ínigo de Loyola, porém, não se pode dizer que tiveram grande capital em dinheiro. “Os pesquisadores sabem dessa informação, através da escritura deixada ao primogênito Martin Garcia, datada de 1516.” (ULLMANN, 1991, p. 23).

D. Beltrán recebeu do Rei D. João I de Castela, em 15 de março de 1377, a renda anual de 2.000 (em moeda da época) por bons serviços prestados. “A segunda, foi o direito de padroado sobre a Igreja paroquial de Azpeitia, que tinha por nome São Sebastião de Soreasu.” (ULLMANN, 1991, p. 47).

Em virtude do padroado o Senhor de Loyola gozava de direitos e privilégios na administração da paróquia que, no dizer do jesuíta Pedro de Tablares em 1551: “é como Bispo da Igreja; provê os benefícios e tudo o que nela há; tanto no material como no espiritual”. (ULLMANN, 1991, p. 49).

“Em meio a suas mil ocupações públicas e privadas, o senhor herdeiro da casa de Loyola não se esquecia de seus deveres patronais. “(ULLMANN, 1991, p. 59).

“Portanto, o senhorio do D. Beltrán é reconhecido por duas obras: a primeira, pode ser vista e apreciada naquela que acabamos de relatar e a segunda, foi a construção de um castelo ou fortaleza, que servisse de moradia para ele e seus descendentes. “(ULLMANN, 1991, p. 50).

“D. Beltrán faleceu em 23 de outubro de 1507, no mesmo dia em que fez seu testamento. Nele nomeava seu herdeiro universal o filho mais velho, Martin Garcia, e aos seus outros filhos uma certa quantidade de bens. “(ULLMANN, 1991, p. 59). Sua esposa, Dona Marina Sáenz de Licon, descendente de família rica, filha do Doutor Martin Garcia de Licon, o qual era bem relacionado com os Reis de Castela. Fez seu testamento 1471 e morreu pouco tempo depois. Deixava a filha Marina Sáenz unida em matrimônio com D. Beltran, herdeiro da casa de Loyola.

De Marina Sáenz não sabemos mais do que o referente ao seu casamento e aos muitos filhos que dela nasceram. Permaneceram incertos o tempo e lugar do seu nascimento. Também, não se tem informação se na época do seu matrimônio tinha como podemos supor, uns vinte anos, portanto deve ter nascido por volta de 1447. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 61).

A fecundidade mais admirável desse relacionamento foi o nascimento de Ínigo. Porém, mencionemos breves palavras sobre os outros irmãos, pois quase todos eles fornecem um traço da personalidade dele, já que vieram ao mundo no mesmo lar, cresceram no mesmo ambiente familiar e moral, viveram as mesmas tradições, respiraram o mesmo ar dos úmidos vales e montanhas e, finalmente, foram educados igualmente nos mesmos ideais.

O primogênito, Juan Perez de Loyola, foi guerreiro e sem dúvida arrastado pelo magnetismo e fascínio do grande capitão Fernando

de Córdoba. Participou da guerra contra o invasor Carlos VIII, da França, e presume-se dizer que o Juan Perez foi ferido gravemente e morreu na batalha. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 65).

Após a morte do primogênito, tornou-se herdeiro da casa de Loyola o segundo filho, Martin Garcia. Nasceu em 1477 e, como tantos outros nobres, frequentou a Corte de Castela¹⁰. Provavelmente, fez alguns estudos ali, pois em seus anos maduros revelou conhecimentos em Latim. Consagrou-se totalmente à administração dos bens da família e observância dos seus deveres patronais para com a Igreja de Azpeitia.

Os 11 irmãos restantes, com exceção do último, não tiveram grandes relevâncias, mas, mesmo assim, deixaram um legado heroico de honra e glória na história.

“Eram ideais na Espanha do século XVI: as Cruzadas¹¹, o Protestantismo, a Conquista da América e finalmente os ideais religiosos.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 71).

1.2 Personalidade e contexto familiar

De início, façamos a seguinte pergunta: quando nasceu o mais célebre dos Loyolas, aquele cujo nome ressoaria entre os mais gloriosos do século XVI e cuja celebridade cresceria e agigantar-se-ia nos séculos posteriores? “Sobre o dia, mês e ano, somente há indícios. Porém, nos move a aceitar como data mais segura o ano de 1491.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 70).

Inácio na sua autobiografia declara: “Até os 26 anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo”. Como todos os seus contemporâneos estavam convencidos de que com a renúncias às vaidades, só havia acontecido em 1521, pouco depois do ferimento

¹⁰ Corte de Castela, reino católico muito influente desde o século VIII.

¹¹ As Cruzadas, foram expedições militares organizadas pelas potências cristãs europeias, com o objetivo de reconquistar Jerusalém e outros lugares onde Jesus teria passado. A empreitada constituía uma mistura de guerra, peregrinação e penitência.

de Pamplona, deduziram daí que devia ter nascido no ano de 1495, portanto, data inconciliável com outros dados certos que se conhecem. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 70).

No Batismo¹² recebeu o nome de Ínigo López de Loyola. Por que teriam seus pais escolhido para o seu último filho esse nome? “Talvez por influência dos familiares ou de amizade, muitos se chamavam Ínigos entre seus parentes e amigos chegados. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 72).

“Durante os estudos universitários em Paris, mudou seu nome para Inácio, provavelmente, em sinal de devoção a Santo Inácio de Antioquia.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 72).

Ínigo não teve muito tempo para conhecer a mãe. Após 34 anos de fecundo matrimônio, D. Marina Sánchez de Licona deu à luz ao seu décimo terceiro e último filho, quando já ninguém a julgava capaz de novos partos. “A extenuação corporal, efeito das múltiplas gestações e, talvez, de outros motivos que ignoramos, apressaram-se a morte em 1508. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 73).

“Ínigo e seus irmãos, receberam uma educação profundamente religiosa e aceitaram todos os dogmas da religião católica, mesmo os de vida mais dissoluta estavam dispostos a morrer pela defesa das crenças que tinham recebido da Igreja por meio dos pais e Sacerdotes. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 75).

A história relata que o castelo onde nasceu Ínigo, estava situado em um verde vale, isolado, sem jardim nem outras casas próximas e desde criança, aprendeu a amar e gostar da solidão para refletir. “Afim, sua mãe havia falecido nos seus primeiros anos de vida e seu pai quando ele tinha dezesseis anos. (IDÍGORAS, 2001, p. 12).

Qualquer historiador deve perguntar-se: como é que um filho das montanhas, nascido num recanto de vale verde, distante das

¹² Na antiguidade cristã vê ampliar-se o ritual do Batismo, contudo, era conhecido apenas como celebração única da iniciação cristão. (LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p.254).

grandes estradas e quase sem história, pode ter planos tão universais, preocupar-se com os problemas religiosos, os quais afligiam o mundo inteiro, e dar soluções para esse tempo e futuro?

“Responderemos essa pergunta, advertindo que Inácio de Loyola, viveu com exaltação a sua juventude. Culturalmente formou-se em Alcalá, a melhor das Universidades da Espanha, e depois em Paris. Coube-lhe viver em uma época europeia de efervescência ideológica e de inquisição espiritual. “ (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 56). A época dos Reis Católicos, Maquiavel¹³, Leonardo da Vinci¹⁴, Michelangelo¹⁵, Copérnico¹⁶, Lutero e Calvino.

Ínigo, era um adolescente, valente e obstinado, como também fazia parte de sua personalidade a vaidade. Com cabelos longos e bem cuidados, unhas impecavelmente aparadas, trajava calças de vistosas cores e botas ajustadas, capa aberta, espada na cintura, era forte, de estatura menor do que a média; rosto alegre e ligeiramente arredondado, por causa do queixo curto. (ULLMANN, 1991, p. 28).

A memória de Ínigo sempre foi verdadeiramente prodigiosa. Aos 26 anos, foi um homem dado às vaidades do mundo. “Desde sua infância já alimentava o sonho de tornar-se um cavaleiro capaz de feitos notáveis, a fim de ganhar honras e prestígio. “ (IDÍGORAS, 2001, p. 13).

Certamente o cavaleiro foi uma das imagens mais fascinantes dos homens da Idade Média. O cavaleiro é o herói principal; espera-se dele atos de coragem que o transformam em um personagem fora do comum. Várias narrativas da Idade Média contam suas aventuras, façanhas e prestígios. Lutavam nas guerras para

¹³ Maquiavel, escritor, historiador, estadista e filósofo italiano.

¹⁴ Leonardo da Vinci (1452-1519) artista plástico, cientista, escritor italiano, engenheiro, matemático, músico, filósofo, naturalista e um dos maiores pintores do “Renascimento. ”

¹⁵ Michelangelo, pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano.

¹⁶ Nicolau Copérnico, astrônomo Polonês, afirmou que a terra se movia em torno do sol em 1543.

conseguir honra. Também estavam envolvidas virtudes, como: nobreza e coragem. (GOFF, 2007, p. 26).

“Em sua juventude, sob o ângulo espiritual e moral, apesar de ser adepto à fé, ele não vivia de acordo com as prescrições dela e nem se resguardava de pecados, especialmente em histórias com mulheres e jogos de azar. “(ULLMANN, 1991, p. 28).

Não há nenhuma diferença entre Ínigo e qualquer outro moço do seu tempo. Porém, Deus transformou-o. Não foram também Agostinho¹⁷ e Paulo¹⁸ grandes pecadores antes de atenderem a voz do céu? “Paulo foi fulminado por um só golpe da Graça Divina, porém, lenta e gradual há de ser a conversão de Ínigo”. (ULLMANN, 1991, p. 28).

Por outro aspecto, ele alinhava profundo sentimento de honra em tudo que fazia. O desapego é outro traço marcante de sua personalidade. “Aos Franceses que dele cuidara, em Pamplona, entregou-lhes o seu escudo, a sua espada e couraça. Com os pobres, mais tarde, há de mostrar-se magnânimo.” (ULLMANN, 1991, p. 28).

O desapego ao dinheiro e aos bens constituíam, por assim dizer, um suporte psicológico favorável para a conversão a Cristo. “Apesar dos defeitos estava marcado pela piedade haurida na família e pela nobreza de sua estirpe. “(ULLMANN, 1991, p. 29).

Dos dados que apresentamos, inferimos ter sido Ínigo de Loyola um jovem como os demais de sua época: com impulsos tipicamente bascos, com extravios morais, com qualidades de nobre e, acima de tudo, aberto à voz da graça.

“Vivendo alguns anos à sombra de seu pai, o qual tinha uma preocupação: o que fazer com o caçula? O deixaria em sua terra ou

¹⁷ Santo Agostinho (354 d. C. a 430 d. C.) Bispo da Cidade africana de Hipona (atual Argélia), foi também um dos maiores filósofo e Teólogo de todos os tempos. Sua filosofia possuía forte influência platônica. Combatia as heresias que tratavam de questões relativas ao mal e ao pecado original.

¹⁸ Paulo, importante judeu cristão do primeiro século. Nos Atos dos Apóstolos (22,3), ele afirma ter nascido em Tarso, região que pertencia ao Império Romana. Hoje essa região é parte da Turquia.

o deixaria ir em busca de aventura, como os outros irmãos?” (ULLMANN, 1991, p. 13).

A sorte veio sorrir-lhe em forma de carta de uma parenta da família, dona Maria de Velasco, casada com um contador - uma espécie de Ministro da Fazenda. Oferecia a seu pai, D. Beltrán, a possibilidade de acolher em casa um de seus filhos, para educá-lo junto à Corte. “Ínigo tinha aproximadamente 15 anos quando seu pai o pressionou a aceitar a oferta. “ (ULLMANN, 1991, p. 14).

Sentiu sobre os ombros a mão protetora de seu pai, mas também, o vazio da parte da mãe e partiu. Inigo foi acolhido em uma família de doze filhos, de idade mais ou menos igual a sua. Passou a viver em um autêntico palácio real, o de Arévalo, pertencente à família Velázquez de Cuéllar-Velasco. D. Juan Velázquez (seu protetor e pai adotivo) gozava da amizade e da confiança do Rei Fernando, o qual hospedou-se algumas vezes no Palácio. Ínigo aprendeu a viver como rico e desfrutou de uma bela educação e formação. Possuidor de uma linda caligrafia, aprendeu música, tocar instrumentos e a fazer versos. (ULLMANN, 2001, p. 15).

Seu grande protetor, D. Juan Velázquez de Cuéllar, havia perdido a graça do Rei Fernando. D. Juan, logo após tal fato, morreria, em 1517. Os Velázquez viram-se arruinados e postos para fora do palácio de Arévalo. “A viúva e parenta de Ínigo, dona Maria, encontrou outro protetor, na pessoa do Duque de Nájera. Encaminhou Ínigo com uma carta de recomendação e ele recomeçou a vida. “(ULLMANN, 1991, p. 17).

1.3 A experiência com o Duque de Nájera

O Duque de Nájera, era representante do Rei D. Juan de Albret e Ínigo, como homem gentil, se uniu a ele em uma difícil tarefa política. Primeiro, apresentou-se ao Duque de Nájera, oferecendo-lhe a espada e seus dotes de cavalheiro, na esperança de que o Duque recebê-lo-ia em sua casa como família. Com tanta familiaridade, o

Duque mais do que com os filhos, teve Ínigo como um meio-irmão e, mais tarde passou a considerá-lo cavaleiro.

“Ínigo, cheio de admiração e gratidão para com o Duque de Nájera, o viu participar com grande espírito de sacrifício nas guerras da comunidade.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 148). Não é fácil determinar qual era o programa político e social das comunidades, se é que o tinham. “Provável que a sua aspiração fosse a criação de uma monarquia muito descentralizada, com poderes amplos.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 148). “Ínigo de Loyola, saiu de espada em punho, em companhia do seu senhor e as tropas dele. Devemos essa notícia àquele que, anos depois, foi seu fiel secretário: Juan Alfonso de Polanco.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 149).

“Este não passou de um episódio secundário naquele vasto movimento revolucionário, que só merecia reter a atenção do historiador. Se entre aqueles combates que aconteceram na cidade de Nájera, não houvesse figurado o herói da nossa história: Ínigo de Loyola.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 149).

Ínigo de Loyola era homem pacificador. Embora conhecido como um bom cavaleiro e por toda sua valentia nas batalhas, tinham uma pré-disposição para as artes diplomáticas e o manejo dos corações. Juan Afonso de Polanco, seu fiel secretário, deixou este testemunho: “Também deu mostras em suas muitas coisas de ser engenhoso e prudente nas coisas do mundo, e de saber tratar os ânimos dos homens especialmente em compor diferenças ou discórdias.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 150).

“No combate que ocorreu em Nájera, o Duque, pediu ajuda ao seu gentil-homem Ínigo, que por ser de Loyola conhecia bem o caráter dos homens daquela terra, e sem dúvida tinha relações de amizade de uma ou outra facção.” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 151).

Diz Palanco: “Ínigo de Loyola era: engenhoso, prudente e habilidoso em solucionar discórdias e diferenças”. Vendo que a negociação se encaminhava corretamente de tal sorte que as duas

facções desejavam a presença do Vice-rei, esse foi de Pamplona a San Sebastian, com o objetivo que a paz reinasse novamente na província e todos jurassem lealdade à Coroa. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 152).

Esse quadro histórico ressalta a figura de Ínigo de Loyola, por sua contribuição eficaz em prol da paz dos conterrâneos. Famoso, pela sua habilidade em comunicação e articulação, era conhecedor de tratar com o coração os ânimos das pessoas por toda sua vida.

1.4 A experiência em Pamplona

Ínigo ainda estava se recuperando da última batalha, quando houve um chamado do Vice-rei: “venha a Pamplona com as tropas de Guipúzcoa. [...] Navarra está em perigo, e a fortaleza de Pamplona com sua construção mal concluída, oferece pouca segurança aos defensores. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 153).

“Ínigo de Loyola não vacila, recruta soldados e faz grande provisão de armamentos com maior pressa, para partir imediatamente para o posto de perigo, onde o chama o dever. “(GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 155).

“O Duque sabe que os pretendentes ao trono de Navarra, Enrique Albret, apoiado pelo o Rei Francisco I de França, tem concentrado doze mil soldados de infantaria. “(GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 150). Não havia forças militares suficientes em Pamplona para combater pois o Duque havia se desfeito delas. Porém, impossibilitado de se defender com poucas forças, foi rapidamente a Segóvia exigir reforços pessoalmente.

“O Duque fugiu como um gesto de desespero diante de um minguado exército, que o reclamava já que se tratava da defesa contra os franceses. “(GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 154).

Ínigo de Loyola, pelo contrário, com ambição de glória, esporeou o cavalo e se meteu a galope cidade adentro, com uns poucos soldados. [...] Tinha consciência de estar se encaminhando para uma provável morte, o que não suspeitava é que Deus o estava

esperando de braços abertos para uma vida mais elevada. Interrompendo bruscamente o serviço do Rei temporal, aos ideais e serviços do Rei Eterno. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 155).

1.5 O ferimento na Batalha

Duraram um bom tempo os tiros da artilharia e um projétil de canhão acertou uma de suas pernas e a quebrou, deixando a outra bastante ferida. [...] Após os Franceses terem se apoderado da fortaleza, trataram muito bem o Ínigo de Loyola. Levaram o ferido para Pamplona com muita cortesia e amizade. (LOYOLA, 1991, p. 20).

Deve-se reconhecer que o generalíssimo francês André de Foix, na conferência que com ele teve antes de se iniciar o combate, lhe manifestou sentimentos de estima e simpatia ao vê-lo ferido “estendido no chão”, sentiu-se movido de compaixão, e os demais franceses lhe seguiram o exemplo. Ínigo agradeceu e assim ditou em sua autobiografia: “os Franceses trataram muito bem o ferido, com cortesia e amizade” [...] Talvez o tenham levado para alguma casa de amigos, pois era muito conhecido de todos e ali recebeu ajuda de médicos. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 160).

Dores horríveis, pinças e outras ferramentas rudimentares foram usadas em seus ossos deslocados. Visitas não faltavam, inclusive de inimigos que se interessavam por sua saúde, demonstrando admiração e benevolência.

Com febre, sem comer e com sinais de morte e os médicos com pouca esperança de salva-lo lhe aconselharam que se confessasse. Recebeu os Sacramentos na véspera da festa de São Paulo e São Pedro. Diziam os médicos que, se até a meia noite não sentisse melhora, podia considera-lo morto. E assim, quis o Nosso Senhor que naquela mesma noite começasse a melhorar. Foi crescendo tanto a melhora que em alguns dias foi julgado fora do perigo de morte. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 20).

Percebendo que havia um osso fora do lugar, com isso a perna ficava mais curta e estava feio, Ínigo não resignou, pois determinava seguir o mundo e julgava que isso o deformaria. Informou-se com os médicos se podia cortar. Responderam que

sim, porém as dores seriam maiores que todas as suportadas até ali. Apesar disso, resolveu martirizar-se por sua própria vontade e pediu para cortar novamente e sofreu com paciência. [...]. Cortada a carne e o osso que ali sobrava, usaram-se os remédios para que a perna não ficasse tão curta, aplicando-lhe muitos unguentos e estendendo-a continuamente com instrumentos, em martírios de muitos dias. Nosso Senhor, foi concedendo saúde e novamente ele foi se recuperando do ferimento. (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 21).

O enfermo resistente com muitas dores, não proferia uma só palavra de queixa. Sofria e meditava. Refletia principalmente em sua vida frívola e alegre em Arévalo, em seus três anos de milícia e aprendizagem, como gentil homem do Duque de Nájera, e deve ter meditado sobretudo na mudança que a ferida poderia acarretar no destino da sua vida. A conversão religiosa ainda estava longe, porém, já estava falado no seu coração.

Capítulo II

Exercícios espirituais

2.1 Introdução aos Exercícios

Inácio de Loyola, ferido no cerco a Pamplona, no ano de 1521, não mais poderia ser um cavaleiro do Rei. Para tal, tornou-se um peregrino a partir do momento em que notou o desencanto dos fiéis com a Igreja Católica - pelo menos, é o que se percebe na leitura de sua autobiografia. A crença em Cristo impulsionava Inácio a um desejo, não pelo surgimento de uma nova Igreja, e sim pela restauração da Igreja Primitiva¹. A época era de total fervor religioso; peregrinos circulavam pela Europa almejando ir a Jerusalém para fazerem o caminho da Cruz ou visitar os santuários espalhados pela região, assim como Inácio desejava. Também era uma época em que as relíquias dos Santos e Mártires, devidamente honrados, eram cortejados pelos fiéis em festas religiosas, nas praças, dentro das Igrejas e nas cidades que, por consequência, faziam ressurgir os comércios locais.

Em 1522, Inácio de Loyola, já recuperado do ferimento de sua perna, retira-se para uma gruta às margens do Rio Cardener², nos arredores de Barcelona. A partir de então passa a anotar os sentimentos que experimentava durante suas meditações e contemplações, pois percebia que suas anotações poderiam ser úteis para outras pessoas. Os registros tornaram-se base para um pequeno livro chamado “Exercícios Espirituais”, que tinha como objetivo

¹ Igreja Primitiva: a Igreja dos mártires, dos sacrifícios.

² Rio Cardener: está localizado em um vale entre montanhas nas cidades de Coma e Pedra, na Espanha.

principal levar o leitor à prática dos Exercícios e ao encontro e diálogo com Deus. O livro contém cerca de 200 páginas e apresenta-se como um modo de oração, exame de consciência, meditação e contemplação.

Os Exercícios Espirituais, desde a sua criação, foram anexados ao patrimônio da Igreja universal e tornaram-se uma escola de oração para todos os cristãos. Também são considerados a raiz da Companhia de Jesus - tanto na educação inicial dos Jesuítas, como no método de educação cristã para o povo.

Os Exercícios estão divididos em quatro semanas, contudo, não se entende que cada semana tenha necessariamente sete dias, pois algumas pessoas são mais lentas para achar o que buscam. Por exemplo: na primeira semana, quando se medita o pecado, pode-se demorar mais dias do que o previsto. Assim também, poderá acontecer nos temas propostos para as semanas seguintes. Portanto, durante os Exercícios, poderão ocorrer o encurtamento ou prolongamento da semana conforme a necessidade.

Neste capítulo, faço referências às considerações escritas pelo Pe. Alexandrino Monteiro, em textos que atualizam a fecundidade espiritual dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

2.2 Semana I

2.2.1 Meditação I: verdades fundamentais

a. O que são os Exercícios Espirituais:

Por essa expressão, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar e orar vocal ou mentalmente. Porque, assim como pescar, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de uma pessoa se preparar para tirar de si todas as afeições desordenadas ³ e, tendo-as afastadas, procurar e encontrar a

³ As afeições desordenadas são todas as aspirações profundas (conscientes e inconscientes) do homem, que o levam a uma aversão a Deus, e pelas quais tende-se a desviar-se e a sair da ordem estabelecida por Deus, na qual tudo converge para Cristo e Nele para o Pai. (EE, p. 12).

vontade de Deus, na disposição da sua vida para o bem da mesma pessoa. (Exercícios Espirituais 1).

Em suas considerações, o Pe. Alexandrino comenta:

Interiormente, os Exercícios consistem, em primeiro lugar, em chorar o passado, examinando, com o auxílio da luz divina, nossos pensamentos, palavras, obras e omissões, a fim de podermos reparar o mal e as omissões que fizemos, com uma sincera penitência; em segundo lugar [...] fazer uma boa confissão [...] preparar o futuro, com uma boa reforma da nossa vida, estabelecendo o modo como devemos nos relacionar com Deus, em nossa vida espiritual: com o próximo, em nosso trato social e com nós mesmos no cumprimento de todos os nossos deveres. (MONTEIRO, 2006, p. 20).

Entretanto, os Exercícios possuem a intenção de fazer com que as pessoas encontrem-se com Deus e convertam-se a Ele e, a partir disso, confrontem honestamente seus valores e crenças, para assim tomarem decisões livres e conscientes acerca do futuro de suas vidas.

b. Finalidade dos Exercícios Espirituais:

Consiste em primeiro lugar, em chorar o passado, examinando, com auxílio da luz divina, nossos pensamentos, palavras, obras e omissões, a fim de podermos reparar o mal e as omissões que fizemos, com uma sincera penitência; em segundo lugar, em ordenar o presente, fazendo uma boa confissão da vida passada com o propósito de observar, para o futuro, as resoluções tomadas; e, finalmente, em preparar o futuro, com uma boa reforma de nossa vida, estabelecendo o modo como devemos nos relacionar com Deus, em nossa vida espiritual; com o próximo, em nosso trato social; e conosco mesmos, no cumprimento de todos os nossos deveres. (MONTEIRO, 2006, p. 20).

Em conformidade com o autor, acrescento que os Exercícios Espirituais propõem não apenas temas de meditação, mas também

realidades para a contemplação, cenas para a imaginação, sentimentos a serem avaliados, possibilidades a serem exploradas, alternativas a ponderar e juízos a serem formulados em vista de um objetivo único: ajudar as pessoas a “buscar e achar a vontade divina na ordenação da própria vida”.

- c. Modo de fazer: segundo o autor, primeiramente o homem deve praticar só. A solidão faz emudecer todas as vozes que podem perturbar o repouso de nosso espírito.

Impõe silêncio às recordações da memória, como as representações da fantasia; reprime os afetos do coração, quando nos afastam, ainda que ligeiramente, do alvo que nos propusemos atingir. [...] Separanos do mundo, dos parentes, dos amigos, dos negócios e das preocupações ordinárias da família. [...] Impõe-nos um silêncio rigoroso durante os dias que duram os Exercícios, oferecendo-nos vantagens importantes [...] mérito maior diante de Deus, maior facilidade em andar em Sua presença, maior disponibilidade para ouvir a voz do Senhor. (MONTEIRO, 2006, p. 20).

2.2.2 Meditação II: o fim do homem

- a. Deus, meu princípio: “Ele nos acolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis sob seu olhar, no amor”. (Ef 1,4).

Antes da criação do mundo, só Deus existia. Só Ele dominava na eternidade e de nada precisava para ser feliz. Desejoso, porém, de comunicar sua felicidade e manifestar sua glória, pensava em criar o homem, e dispunha o encadeamento das graças, que o deviam levar à santidade e à bem-aventurança. (MONTEIRO, 2006, p. 27).

- b. Deus, meu fim: “Este fim está indicado nas seguintes palavras de Santo Inácio: ‘Para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor’. Aqui está o ponto para o qual devem convergir todos os nossos esforços”. (MONTEIRO, 2006, p. 27).

2.2.3 Meditações III: o fim das criaturas

- a. Origem das criaturas: “Por criaturas, entende-se tudo o que foi criado, tudo o que não é Deus. Portanto, todos os seres visíveis e invisíveis no céu e na terra”. (MONTEIRO, 2006, p. 38).
- b. O fim das criaturas: “As criaturas foram criadas por Deus para ajudar o homem a conseguir o seu fim, que é louvá-lo, reverenciá-lo e servi-lo”. (MONTEIRO, 2006, p. 40).

Sobretudo, as meditações II e III colocadas pelo autor, faz uma descrição ideal da inter-relação dinâmica entre o fim do homem e das criaturas, rumo à maturidade do conhecimento.

2.2.4 Meditação IV: indiferença

Semelhante às meditações anteriores, o autor faz uma descrição adequada da contínua interação das regras a seguir.

- a. Regra do “tanto quanto”:

O afeto e a aversão não constituem o critério no uso das criaturas, senão somente a qualidade de levarem ao fim. Há criaturas muito atraentes que nos afastam do fim: é preciso abandoná-las; outras, muito repugnantes, que nos conduzem ao fim: é preciso abraçá-las. (MONTEIRO, 2006, p. 46).

- b. Regra da indiferença:

É necessário tornar-nos indiferentes a respeito de todas as coisas criadas em tudo aquilo que depende da escolha do nosso livre-arbítrio, e não lhe é proibido. De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra

que desonra, vida longa que breve, e assim por diante em tudo mais. (MONTEIRO, 2006, p. 47).

O autor complementa o pensamento de Santo Inácio:

Este desapego não é falta de sensibilidade; é uma disposição de vontade deliberada e determinada a agir unicamente com vista no fim. [...] Não devemos amar as criaturas por si mesmas, mas só quando nos servem de meio à santificação e para poder salvar-nos. É impossível, porém, santificar-nos nesta vida sem muito sacrifício, sem estar desapegados com relação a todos os meios, ainda àqueles que mais repugnam à nossa natureza. (MONTEIRO, 2006, p. 47).

2.2.5 Meditação V: pecado

O autor escreve orientações para ajudar o praticante dos Exercícios no progresso rumo à verdade.

- a. Pecado dos anjos: “Os anjos, tendo sido criados em estado de graça, recusaram-se usar da sua liberdade para render a seu Criador e Senhor a homenagem e a obediência que lhe eram devidas”. (MONTEIRO, 2006, p. 55).

Em síntese, o autor comenta:

Foi um pecado de ingratidão, pois, tendo recebido os maiores dons da natureza e da graça, não os soube conservar e servir-se deles para testemunhar seu reconhecimento ao Criador, mas abusou desses dons contra seu Benfeitor. (MONTEIRO, 2006, p. 55).

E faz uma comparação:

Comparemos a queda dos anjos com a nossa queda. O anjo pecou uma vez, eu, muitas; o anjo pecou antes de conhecer o castigo, eu, depois de conhecê-lo; o anjo pecou contra o seu Criador, eu, contra meu Criador e meu Redentor; o anjo perseverou no pecado reprovado pela divina justiça, eu continuo pecando perseguido

pela divina misericórdia; o anjo pecou contra Deus que o criou, eu, contra Deus que me redimiu. (MONTEIRO, 2006, p. 56).

- b. O pecado de Adão e Eva: “O pecado dos Anjos mostra-nos o abuso dos bens interiores, deixando-se seduzir pelas próprias perfeições. O pecado de Adão e Eva mostra-nos o abuso dos bens exteriores”. (MONTEIRO, 2006, p. 56). O autor refere-se às características do pecado - “Assim como por um só homem o pecado entrou no mundo, e por ele, a morte.” (Rm 5, 12) - de Adão e Eva:

Desobediência formal, praticada com todo o conhecimento de deliberação da vontade. [...]. Foi um pecado de soberba, [...] desejo de serem mais do que eram, de serem como deuses. [...]. Adão e Eva, conscientes de seu pecado, esconderam-se receosos de comparecer na presença de Deus, pois tinham perdido a inocência. Deus chamou Adão que culpou Eva e chamou Eva que culpou a serpente. [...]. Deus amaldiçoou a serpente e a condenou a arrastar-se pela terra e a humilhar-se aos pés da mulher. Amaldiçoou a mulher e a obrigou às dores do parto; amaldiçoou o homem e o condenou a comer o pão com o suor do seu rosto [...]. Despojados da graça e da justiça original: o entendimento ficou obscurecido, sujeito a ignorância, aos erros e à dúvida; a vontade enfraquecida e combatida por violentas paixões; o corpo perdeu o dom da integridade [...] e ficou sujeito à todas as penas desta vida e à morte. (MONTEIRO, 2006, p. 57).

- c. O pecado particular do homem: depois de meditar o pecado dos anjos e o pecado de Adão e Eva, convém meditar o pecado particular do homem, como criatura exposta a muitos perigos, erros, misérias, paixões e pecados de toda espécie.

Santo Inácio não quer só a dor intensa dos pecados e emenda deles, mas alguma coisa mais; quer que se imprima no exercitante, um horror instintivo ao pecado e tão intenso e duradouro que, para o futuro, se veja com segurança, que não voltará a cometê-lo deliberadamente. (MONTEIRO, 2006, p. 63).

Compreendo, conforme o pensamento do autor, que o exercitante é convidado a fazer uma profunda reflexão de seus pecados por meio de uma adequada interiorização. Dessa maneira, e conforme a pesquisa, Ígnio quer que o exercitante se aprofunde mais no arrependimento, e que a dor dos pecados se baseie na humildade, por isso ele deseja que a pessoa busque a pequenez. Além disso, deseja também que o exercitante sinta um horror instintivo ao pecado para que não volte a cometê-lo. Concluo o pensamento com uma frase do autor: “Se não fôssemos pecadores, a morte não nos meteria medo. O pecado é que torna a morte triste”. (MONTEIRO, 2006, p. 68).

2.3 Semana II

2.3.1 Vida oculta e pública de Jesus

Em suas considerações, referente aos temas para as meditações da segunda semana, o autor coloca:

a. Reino de Cristo:

O bom súdito não se contenta só com seguir a Cristo, mas quer engajar-se no Seu serviço pela prática das virtudes, por sacrifícios mais generosos, vencendo a própria sensualidade, o amor às riquezas e às honras, e abraçando a pobreza e a humildade evangélica. (MONTEIRO, 2006, p. 80).

b. Encarnação:

O Verbo Eterno faz-se homem e une à si a natureza humana para tornar-se Homem Deus. [...] O Espírito Santo opera esse grande mistério descendo sobre a Virgem de Nazaré, fazendo dela o templo do Verbo encarnado. Inunda o espírito dessa Virgem privilegiada com abundância de seus dons e, conservando-lhe a virgindade, a torna mãe do futuro Redentor do mundo. (MONTEIRO, 2006, p. 85).

c. Nascimento de Jesus:

Era cerca de meia noite; tudo estava em silêncio e todas as criaturas se refaziam do trabalho e cansaço do dia. A Virgem Santíssima deu à luz do mundo o seu primogênito Filho, o Verbo de Deus feito carne pela salvação dos homens.” Ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e o deitou numa manjedoura”. (Lc 2, 7). Nasce em suma humildade. Sendo o Rei do céu e da terra, tem por trono uma manjedoura, ao invés de Palácio; duras palhas, ao invés de um berço. [...] O Eterno, o Infinito, O onipotente feito menino. A infinita grandeza e majestade reduzida a tanta pequenez [...] Deus tomando a forma de servo (Fl 2, 7). (MONTEIRO, 2006, p. 93).

d. Vida oculta de Jesus: o autor divide a vida oculta de Jesus em quatro pontos:

- Vida de obediência:

Jesus obedece a José e Maria. A síntese de toda vida de Jesus foi a obediência, “Era-lhes submisso.” (Lc 2, 51) e toda a aspiração de sua alma foi obedecer - “Eu sempre faço o que lhe agrada.” (Jo 8, 29). Não só como menino, mas quando jovem, até a idade adulta, até os trinta anos, quando já todo homem está fora da obediência e tem o direito a reger-se por si mesmo. (MONTEIRO, 2006, p. 97).

- Vida de Progresso: “De nada nos servirá crescer somente na estima dos homens, sem merecer a aprovação de Deus”. (MONTEIRO, 2006, p. 99).

- Vida de trabalho: “não só na infância e na juventude, mas na idade adulta, por trinta anos no retiro em Nazaré, e por três anos na vida apostólica”. (MONTEIRO, 2006, p. 101).

- Vida de silêncio:

Outro caráter da vida de Jesus de Nazaré é a obscuridade. Por ela, Jesus quis combater nossa ambição e nosso orgulho, que consiste na inclinação desregrada que todos temos de sermos conhecidos, considerados e honrados. (MONTEIRO, 2006, p. 101).

e. Ida de Jesus ao templo:

Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E ao vê-lo disse-lhe assim sua mãe: Meu filho, por que agiste assim conosco? [...] Jesus respondeu: Porque me procuras? Não sabeis que devo estar na casa do meu Pai? (Lc 2, 46-49).

Referente à narrativa, Monteiro comenta: “Procuraram-no na dor e encontraram-no com alegria; pois esse é o fruto de quem é diligente⁴ em procurar a Deus, que sabe compensar nos esforços com a doçura inefável de sua graça”. (MONTEIRO, 2006, p. 106).

f. As duas bandeiras:

Nisso pedimos a luz para conhecer os enganos do inimigo e, sobretudo, a vida verdadeira que Cristo revela, com a graça no Espírito seguindo seu exemplo. Sim, a bandeira do tentador pode nos enganar. A pista que temos para diferenciar; nesse caso, o trigo do joio, vai ser a percepção do apelo à riqueza, à vaidade e à soberba, sutilmente presentes, em contraste com aquele sabor de pobreza, menosprezo por valores materiais e humildade que o Evangelho nos vai ensinando a apreciar. (MONTEIRO, 2006, p. 108).

g. Três classes de homens: essa meditação trata de escolher um estado de vida ou reformar a vida em um estado já escolhido. O autor faz as seguintes reflexões:

- Primeira classe: “É necessário combater o afeto desordenado a qualquer objeto, se queremos pôr em prática os meios

⁴ Diligente: ativo, aplicado, zeloso, cuidadoso.

necessários para nossa santificação”. (MONTEIRO, 2006, p. 115).

- Segunda classe:

Essa classe quer tirar o afeto à coisa adquirida, mas com uma vontade ainda imperfeita, pois quer tirar o afeto e ficar com a coisa possuída. É vontade que põe condições a Deus ao seu desejo, mas isso não é possível: não se pode amar a Deus e ao que Deus não ama. (MONTEIRO, 2006, p. 116).

- Terceira classe:

Os homens dessa classe podem ser comparados aos doentes que, desejando a todo custo a saúde, colocam-se sem reserva nas mãos do médico e não recusam nem a dieta, nem a medicina, nem a cirurgia, ‘se tais meios forem necessários. [...] Tomemos o exemplo dos Santos, que suportam as mais duras provas para serem fiéis a Deus. (MONTEIRO, 2006, p. 117).

h. Três graus de humildade: Como o próprio nome indica, refere-se aos graus da perfeição.

- Primeiro grau: consiste na humildade e obediência a Lei de Deus.

- Segundo grau:

A indiferença (desapego) pela pobreza e pela riqueza, pela honra e pela desonra, pela vida longa e pela breve, pela saúde e pela enfermidade, desde que, de ambos os lados, haja igual serviço de Deus e da minha salvação. (MONTEIRO, 2006, p. 122).

- Terceiro grau:

Consiste em escolher: antes pobreza em Cristo do que riqueza; opróbrios⁵ com Cristo desprezado do que honra; desejar mais ser tido por louco com Cristo, do que sábio sem Ele. [...] O último grau compreende o primeiro e o segundo, e os excede em perfeição; quem não alcançou os dois primeiros nunca o atingirá. (MONTEIRO, 2006, p. 123).

Sobre o terceiro grau, o autor comenta:

Os maus hábitos, as inclinações desordenadas, o desejo da honra, da estima, o apego à vontade própria e às comodidades do corpo; as tentações que vêm de fora, sobretudo as mais fortes e frequentes, o cumprimento dos deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo, as obrigações do próprio estado de vida; enfim, todas as ações diárias que se deseja regular, como a refeição, o sono, o estudo, o trabalho, as relações sociais, etc., tudo isso pode ser matéria de reforma. (MONTEIRO, 2006, p. 127).

Segundo o Evangelho de Mateus: “Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo” (Mt 16, 24). Santo Inácio confirma: “Saiba cada um que só progredirá nas coisas do espírito, quanto mais se despojar do seu amor próprio, da sua vontade própria e do seu interesse próprio”.

i. Escolha dos Apóstolos:

Primeiramente chama-os em geral. Depois chama-os a segui-lo, renunciando a toda ocupação exterior. Enfim, escolhe-os para Apóstolos (Mt 10,12) e, ao mesmo tempo, com a mesma amabilidade, chama cada um deles em particular, conformando-se ao seu caráter e às disposições de seu espírito. (MONTEIRO, 2006, p. 131).

⁵ Opróbrio significa desonra, infâmia, injúria, afronta. Opróbrio é um ato ou um dito que pode levar alguém à má fama, ao escárnio, a zombaria, a perder o crédito, perder a consideração, a honra.

2.4 Semana III

2.4.1 Paixão e morte de Jesus

a. Oração de Jesus no Horto de Getsêmani:

- Temor de Jesus: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice; entretanto, não seja feita a minha vontade, mas o que Tu desejas”. (Lc 22, 42).

Jesus pedia a seu eterno Pai que afastasse Dele o cálice de sua paixão; mas essa súplica, não a fez com a intenção deliberada de que fosse ouvida e fosse livre dessas penas, a que voluntariamente se submetera; mas só para declarar-nos a grandeza das dores internas que o martirizavam. (MONTEIRO, 2006, p. 140).

- Melancolia de Jesus: “Jesus sabia que estava carregando o pecado da humanidade. O Senhor fez recair sobre Ele a iniquidade de todos nós”. (Is 53, 6).
- Tristeza de Jesus: “numa vista panorâmica do mundo, desde o seu princípio até a consumação dos séculos, Jesus vê que, apesar de sua Redenção tão copiosa, muitos homens não aceitarão a luz do Evangelho”. (MONTEIRO, 2006, p. 143).

b. Jesus no Horto: “e começou a experimentar pavor e angústia”. (Mc 14, 33). O autor comenta a narrativa:

Com efeito, o Senhor podia abrandar todas as suas penas, fazer transcorrer na parte inferior do corpo um pouco daquele gozo que desfrutava a parte superior de seu coração. Mas, não o fez, a fim de não deixar de sofrer por nós. (MONTEIRO, 2006, p. 146).

- Palavras de Jesus sobre o Pai Eterno: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15, 34). “Ele estava cumprindo as profecias do Salmo 22, que todos sabiam. Na

época de Cristo, não existiam livros, apenas rolos de pergaminhos. Cada líder, na época, memorizava as ideias bíblicas”. (MONTEIRO, 2006, p. 148).

- Jesus abandonado por seus Discípulos: “vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o Espírito está pronto, mas a carne é fraca. [...] E ao voltar os encontrou dormindo, pois, seus olhos estavam pesados de sono”. (Mt 26, 41-44). O autor comenta a narrativa: “Jesus, leva consigo três de seus mais amados apóstolos. O que fazem eles para consolar o Divino Mestre? Nada. Estão dormindo, sem pensar em seu sofrimento”. (MONTEIRO, 2006, p. 149). “Esperei um gesto, mas nada; consoladores, e não os encontrei”. (Salmos 69, 21).

c. Jesus nos tribunais:

- Jesus no tribunal de Caifás:

[...] as injúrias feitas à pessoa do Salvador, no tribunal de Caifás, são as mais humilhantes que se podem imaginar. Entregue aos guardas e servos do palácio, Jesus é objeto das mais cruéis e desumanas afronta. (MONTEIRO, 2006, p. 155).

- Jesus no tribunal de Pilatos:

Na paixão de Jesus, não só são sumas as dores do corpo, mas profundíssimas as humilhações do espírito. É coisa certa que todos os homens, principalmente os de geração nobre, não sentem tão vivamente as dores físicas do corpo quanto aos danos sofridos na fama e na reputação. [...]. Assim é que muitos estimam mais a honra que a própria vida. (MONTEIRO, 2006, p. 156).

- Tribunal de Herodes:

A serenidade e a doçura de Jesus no meio de tantos ultrajes, sua nobre indiferença por tudo o que os homens mais estimam - a vida

e a reputação – já é um grande milagre; pois é preciso ser mais que homem para desprezar, com tanta calma, aquilo por que os homens do mundo tanto se apaixonam. (MONTEIRO, 2006, p. 160).

d. Flagelação:

- Quanto sofre Jesus na flagelação: “E o entregarão aos gentios e o flagelarão”. (Mt 20, 10).

O açoite é reservado aos homens de baixa condição, aos criminosos, aos assassinos, aos escravos, aos animais; era um meio de se fazer compreender por estes e de levar aqueles ao sentimento de sua consciência. Quem era uma vez submetido a tal castigo, ficava para sempre inflamado, desonrado, marcado com o ferrete da ignomínia. A ele, juntava-se ainda outra humilhação: a nudez. (MONTEIRO, 2006, p. 163).

- Particularidades da Flagelação: “Da planta dos pés à cabeça, nada de intacto.” (Is 1,6).

[...] Os primeiros golpes caem sobre o corpo de Jesus, repetem-se cada vez com mais intensidade. Começam-se a ver os vergões; as carnes intumescem e, dentro em pouco, abrem-se em fendas. O sangue jorra; a pele é arrancada e levada na ponta dos flagelos; o pavimento, a coluna, as paredes, os próprios algozes estão salpicados com o sangue do Salvador. Todo o corpo de Jesus parece uma ferida, pois está todo coberto de sangue. As dores surdas, penetrantes, esmagadoras, apoderam-se de todo o Seu corpo. (MONTEIRO, 2006, p. 164).

- Sentimentos do coração de Jesus:

A violência da dor não impede o Divino Salvador de fazer atos interiores das mais sublimes virtudes: primeiro, sofre a flagelação com paciência heroica, com os olhos e o coração elevados a Deus; sofre com admirável amor por todos os homens, até pelos algozes, por Pilatos, pelo mundo ingrato; sofre com admirável resignação à

vontade de seu Pai celeste, que exige Dele esse sacrifício para reparar tantos crimes sensuais. (MONTEIRO, 2006, p. 165).

e. Na Cruz:

Aprendamos diante de Jesus crucificado a sofrer com paciência nossas pequeninas cruces. A Jesus parece pouco morrer por nós em tantos tormentos. [...] Choremos vendo Jesus crucificado por nossos pecados, e tomemos a resolução de não O tornar a crucificar com nossas culpas. Essa resolução devia parecer inútil, como de coisa que não devia acontecer, pois seria falta de reconhecimento não dar a vida por quem morreu por nós, seria uma ingratidão não corresponder ao amor de quem tanto nos amou. (MONTEIRO, 2006, p. 171).

f. Dores de Maria: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra”. (Lc 1, 38).

Maria, aceitando a dignidade de Mãe de Deus, associou-se a Jesus na grande obra da Redenção e se ofereceu a carregar com todas as consequências que tal dignidade lhe impunha. Como mãe, partilhou a sorte do Filho, que foi também o sofrimento. Teve, por isso, sua Paixão e seu Calvário, e uniu as dores de Jesus às próprias dores. [...]. As dores de Maria são um conforto e um exemplo. Um conforto porque se Maria sofreu sendo inocente, é justo que também nós soframos, pois somos culpados. São um exemplo porque Maria ensina-nos a sofrer com resignação, com fortaleza e constância, sem queixas, nem murmurações. (MONTEIRO, 2006, p. 172).

2.5 Semana IV

2.5.1 Glorificação de Jesus

a. Ressureição:

Jesus Cristo ressuscita com as cinco chagas, com as cicatrizes que recebeu por nós no combate contra o pecado. Quis tê-las como

reliquias de sua Paixão, como lembranças que levou da terra para apresentar ao seu Eterno Pai. (MONTEIRO, 2006, p. 180).

b. Aparição aos Discípulos de Emaús:

Dois Discípulos, deixando o Cenáculo, dirigem-se para uma quinta, a três léguas de Jerusalém. No caminho, junta-se a eles Jesus; vão seguindo até Emaús, onde chegam ao anoitecer: Jesus, convidado pelos dois discípulos a pernoitar com eles naquela vivenda, aceita o convite e, estando à mesa, dá-se lhes a conhecer na fração do pão. (Lc 24, 13).

c. Ascensão: “Homens da Galileia, por que ficais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que vos foi arrebatado para o céu, há de vir do mesmo modo como o viste subir”. (At 1, 11).

d. Contemplação sobre o amor Divino:

Como conclusão dos Exercícios, põe, Santo Inácio, uma contemplação para alcançar um perfeito amor divino. O fruto principal dos Exercícios é preparar o nosso coração, pela imitação de Jesus Cristo, para chegar ao nosso fim último, que é a bem-aventurança do Paraíso. (MONTEIRO, 2006, p. 198).

Capítulo III

Amar e servir no decorrer da história

“Sair do próprio amor” para abraçar o amor de Cristo é, para Santo Inácio, o processo que leva o homem a sair do próprio eu e abandonar-se ao Pai. “Dá-me o Teu amor e Tua graça e isso me basta”, dizia o santo.

Para Santo Inácio, não é possível reduzir o amor à uma experiência sentimental, para ele o amor é Deus. Esse pensamento lhe permitiu encontrar a “Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”.

As cartas e Instruções escritas por Santo Inácio, ou em seu nome pelos seus secretários em Roma, constituem o bloco mais maciço de sua obra escrita. [...]. Se o conjunto conservado tem, certamente lacunas, pois vários textos desapareceram, tanto mais que somente no século XVIII se tratou de colecioná-los e editá-los, contudo ele contém 6.815 cartas e documentos. (LOYOLA, 2008, p.11).

Segue trecho de carta dirigida ao seu irmão Martin Garcia, escrita na época de seus estudos em Paris (1528 – 1535):

Com toda a verdade, a medida do amor que tenho aqui embaixo por qualquer pessoa é a de dar-lhe a ajuda que posso, para que sirva e louve a Deus Nosso Senhor, pois não ama a Deus de todo coração quem ama qualquer coisa por ela mesma e não por Deus. (LOYOLA, 2008, p. 31).

Conforme dito anteriormente no desenvolvimento do presente trabalho, Inácio dizia, constantemente, que eram

importantes as meditações e o exame de consciência, a fim de ordenar a vida e se libertar da afetividade egoísta e desordenada.

Se Inácio deixara radicalmente toda honra mundana, parecia necessário tomar distância da família, a fim de poder viver um amor mais ordenado. A utilidade espiritual do próximo, o serviço dos servos de Deus era sua regra. Ele aplica à própria família. (LOYOLA, 2008, p. 29).

Trata-se de amar para viver na liberdade e na caridade, colocando toda confiança com verdadeira fé e intenso amor ao Seu Criador e Senhor. Por sentir-se amado por Deus, Santo Inácio fez do amor o alicerce de sua vida espiritual e em tudo era capaz de amar e servir.

3.1 O “amar e servir” no Novo Testamento

Jesus sente que sua hora se aproxima, reúne os seus discípulos e manifesta-lhes o último desejo com um gesto que marcará para sempre a história da humanidade: o lava-pés. O texto Joanino diz que Jesus realizou o “lava-pés” durante a ceia, enquanto a refeição estava acontecendo. “Levanta-se da mesa, tira o manto, toma uma toalha e cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos.” (Jo 13, 4-5).

Considerarei que o gesto de Jesus assume um significado especial – não é possível “amar e servir” permanecendo no comodismo. Ao levantar-se da mesa, Jesus revela aos discípulos que é necessário ir ao encontro do outro, Ele não desejou ficar apenas nas palavras, mas aproximou-se, ajoelhou-se, tocou.

As reflexões conduzem a compreensão da humildade e amor ao serviço que havia em Jesus. “Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos.” (Mt 20, 28). Portanto, Jesus veio para servir e não para permanecer sentado à mesa esperando que os outros o sirvam.

Com Seu exemplo, Ele alerta que o mundo precisa de pessoas que estejam disponíveis ao serviço. Só quem serve torna-se útil ao próximo e colabora com o projeto de Deus. Servir significa dar a vida – acontecimento lembrado na sexta-feira da Paixão.

Servir e não ser servido refere-se à entrega de si mesmo aos outros e ao bem comum, cuja grandeza consiste no homem colocar-se a serviço de maneira despretensiosa, assim, o “primeiro lugar” será ocupado por quem se dispuser a assumir a condição de servo.

A espiritualidade Inaciana está essencialmente inspirada nesse sentido: “servir e amar”. Portanto, toda a narrativa do lavapés evidencia uma ligação com os ensinamentos de Inácio e suas atitudes de lealdade e serviço para com a Igreja.

A resposta ao chamado de Cristo se realiza na Igreja Católica e através dela, que é o instrumento por meio do qual Cristo está sacramentalmente presente no mundo. [...] Inácio e seus companheiros foram todos Sacerdotes e puseram a Companhia de Jesus a serviço do Papa para 'ir a qualquer lugar onde ele achasse conveniente enviá-los para a maior glória de Deus e bem das almas". (EE 603).

3.2 O “amar e servir” em Santa Teresa D`Ávila

Contemporânea de Inácio de Loyola, Teresa D`Ávila¹ também viveu na Espanha no século XVI. Apesar da oposição paterna, decidiu tornar-se monja e aos vinte anos entrou no Mosteiro da Encarnação em Ávila², o qual abrigava quase duas centenas de monjas.

Em plena Idade Média, época em que as mulheres não eram reconhecidas pelo serviço que realizavam, Teresa tornou-se fundadora de novos mosteiros e reformadora da Ordem das

¹ Tereza de Ávila, conhecida como Santa Tereza do menino Jesus (1515 – 1582). Foi uma freira carmelita do século XVI. Beatificada em 1614 e canonizada em 1622.

² Ávila é um município na Espanha.

Carmelitas³, e com esse exemplo apontamos o “amar e servir” de Teresa, pois em seu coração havia muita generosidade no serviço à Deus.

Para Teresa, amar é doar-se inteiramente, entregar-se no caminho da doação total com generosidade ao Senhor. [...], mas ao coração que muito ama é necessário a intimidade com o Amado. Teresa está convencida de que o amor só se paga com amor. (ESPÍRITO SANTO, 2012, p. 30)

Foi uma monja fervorosa, decidida, e todos a conheciam como uma mulher determinada. Quando resolvia fazer algo, fosse no espírito ou na vida profissional, ela dava tudo de si para que tudo saísse perfeito. Nada a impressionava nem a perturbava. Dizia: “só Deus basta”.

Nesse contexto, é importante destacar que a espiritualidade de Teresa D’Ávila e Inácio de Loyola, possuíam semelhanças. Teresa confiava nas pessoas, mas procurava viver independente dos vínculos afetivos. Ambos meditavam sobre a indiferença e o conhecimento interior, a fim de, desapegados e curados interiormente, poderem amar e servir a Deus em tudo.

3.3 O “amar e servir” no Concílio Vaticano II

No dia 11 de outubro de 1962, João XXIII abria o Concílio⁴ Vaticano II.

O Concílio Ecumênico acontece felizmente num momento em que a Igreja se dedica a robustecer sua fé com forças renovadas e a reencontrar novos caminhos de unidade. [...] Vivemos um momento privilegiado para celebrar um Concílio. Em todas as

³ É uma ordem religiosa, que surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo, no Estado de Israel.

⁴ Os Concílios, são reuniões de dignidades eclesiásticas e de teólogos. Um esforço comum da Igreja, para sua própria preservação e defesa da Fé e da Doutrina. No caso do Concílio Vaticano II, a necessidade de defesa se fez de modo universal, porque as situações contemporâneas de proporções globais abalaram a Igreja.

latitudes fazem-se enormes e generosos esforços para restaurar a unidade visível entre os cristãos, de acordo com o desejo expresso do divino Salvador. O Concílio ajudará a colocar em evidência os pontos principais da doutrina; será uma demonstração excepcional do amor que une a todos, possibilitando aos cristãos separados da ocasião única de melhor perceberem o caminho da unidade e de prosseguirem uma frutuosa aproximação entre todos. (Concílio Vaticano II, p. 14⁵).

O Concílio lançou as bases de um novo tempo para a Igreja. Não marcou ruptura com o passado e soube valorizar a inteira tradição eclesial, no intuito de orientar os fiéis nas respostas aos desafios encontrados nas situações contemporâneas.

A fim de compreender o “amar e servir” do Concílio Vaticano II, ressaltamos um de seus documentos promulgados: Decreto Ad gentes – sobre a atividade missionária na Igreja.

A vocação missionária:

Todo discípulo de Cristo é responsável pela difusão da fé. “Mas o próprio Cristo Senhor escolhe especialmente alguns deles, chama-os para estarem mais perto de si e os envia a pregar às nações” (Mc 3, 13). Nesse sentido a vocação missionária infundida no coração das pessoas e a criação de institutos missionários na Igreja são atribuídos ao “Espírito Santo que distribui como quer os seus dons, para utilidade de muitos”. (1Cor 12, 11). Dessa forma, todos os que assumem o trabalho missionário fazem-no em nome da Igreja, a quem compete evangelizar por dever de ofício. (Decreto Ad Gentes, 1171, p. 425).

A espiritualidade missionária:

O ser humano deve responder de maneira total ao chamado de Deus, empenhando-se inteiramente no trabalho do Evangelho, independentemente do que lhe sugerem a carne e o sangue. Tal resposta só é possível graças à inspiração e à força do Espírito Santo. Deve, por conseguinte, estar preparado para consagrar toda a vida à sua vocação, renunciando a si mesmo e a tudo mais e

⁵ Discurso de abertura do Concílio pelo Papa João XXIII.

dedicando-se inteiramente aos outros. (Decreto Ad Gentes, 1171, p. 425).

Os textos extraídos da Decreto Ad gentes, sugerem a seguinte reflexão: anunciar Jesus Cristo não deveria ser apenas uma atividade entre muitas outras desenvolvidas pelos leigos na Igreja, antes é necessário, conforme os ensinamentos de Santo Inácio, fazer as coisas para a glória de Deus.

O Decreto Ad gentes – sobre a atividade missionária na Igreja – remete-nos à imagem da distância, do combate, do desafio, do limite. Compreende-se que a distância chama o homem para longe do comodismo. O combate estimula-o a enfrentar dificuldades. O desafio arranca-o da inércia espiritual. E o limite leva-o à humildade e ousadia.

Como conduzir o homem contemporâneo à reflexão, em meio à uma sociedade moderna caracterizada pelo relativismo⁶?

Santo Inácio ensina: o homem deve fazer tudo para a glória de Deus e, por meio da interiorização e da oração, ele descobrirá e fará do amor o critério de sua vida e de suas decisões. Só assim o homem será capaz de amar e servir, em especial, os pobres e excluídos.

Também convém ressaltar o que diz o Documento de Aparecida⁷:

Na doação a vida se fortalece e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais. (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Documento de Aparecida, 2007, 360 p.166).

⁶ É o conceito de que o ponto de vista não tem uma validade absoluta e sim um valor relativo, subjetivo, de acordo com diferenças na percepção e consideração.

⁷ O Documento de Aparecida é um texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, ocorrida na Cidade de Aparecida no ano de 2007.

3.4 O “amar e servir” no Papa Francisco

A escolha do Arcebispo Argentino Jorge Mario Bergoglio para suceder Bento XVI⁸ surpreendeu o mundo, em 13 de março de 2013 - um ano antes da Celebração de 50 anos do Concílio Vaticano II.

Pela primeira vez na história, um religioso nascido na América Latina e pertencente à Companhia de Jesus, passaria a ocupar o principal posto da Igreja Católica.

Após o anúncio de seu nome, Bergoglio pediu um favor à multidão que se encontrava na Praça São Pedro: “peço-vos que rezem ao Senhor para que me abençoe”. A simplicidade contida nesse pedido é uma importante marca de sua formação jesuíta.

Conhecido como um bom comunicador, o Papa Francisco escreve Homilias⁹, Cartas, Constituições e Exortações Apostólicas, Discursos, Encíclicas¹⁰ e mensagens aos fiéis do mundo inteiro, disseminando o amor.

Não é difícil perceber o “amar e servir” de Santo Inácio, no Pontificado do Papa Francisco. Para isso, destacamos, entre os documentos publicados, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. (Alegria Do Evangelho).

A Igreja “em saída” - expressão nova e provocante proclamada pelo o Papa na *Evangelii Gaudium* - convida o homem a sair da comodidade em que vive e ter a coragem de alcançar todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho.

A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção, nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar; ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que

⁸ Bento XVI é o Alemão Joseph Ratzinger, nascido em 16 de Abril de 1927. Hoje, Papa Emérito da Igreja Católica.

⁹ Homilia é um discurso feito por um sacerdote no decorrer da Missa após a leitura do Evangelho.

¹⁰ É um documento Pontifício, ou seja, uma comunicação escrita pelo o Papa.

continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade. (Evangelii Gaudium 46, p.40).

A partir do discurso apresentado, são evidenciadas as seguintes narrativas do Antigo e Novo Testamento relacionadas com a expressão “de saída” dita pelo o Papa Francisco.

Na vocação de Abraão¹¹, Deus disse: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vá para a terra que te mostrarei. [...] Abraão partiu, conforme o pedido de Deus”. (Gn 12, 1-4).

Na missão de Moisés¹², Deus disse: “Vai, pois Eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os Israelitas. [...] Eu estarei contigo e este será o sinal de que Eu te envie”. (Ex 3, 10).

Aos Apóstolos¹³, Jesus disse: “Ide por todo mundo e proclamai o Evangelho à toda criatura”. (Mc 16, 15).

Importante ressaltar que, a partir das narrativas, compreendemos que o eleito é também o enviado. Não pode ser diferente: quem se sente amado, sente a necessidade de testemunhar o amante. Testemunhar é estar a serviço, é estar em missão.

Hoje, o homem contemporâneo é chamado aos desafios da nova “saída” missionária da Igreja.

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas à uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa deve nos inquietar santamente e preocupar nossa consciência, é saber que existem tantos irmãos sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus, sem uma comunidade de fé que os acolha com um horizonte de sentido e de vida. (Evangelii Gaudium 49, p. 42).

¹¹ Um personagem bíblico citado no livro de Gênesis.

¹² Foi um líder religioso e profeta, a quem a autoria da Torá é tradicionalmente atribuída.

¹³ Na tradição cristão, foi um grupo de doze pessoas, escolhidas entre os discípulos de Jesus.

Uma Igreja “em saída” como pede o Papa Francisco – que a coloca em prática nas “periferias existenciais” - necessita de um novo olhar, uma nova forma de entender evangelização.

O “amar e servir” está presente nas atitudes do Papa Francisco e, em especial, em suas viagens missionárias ao redor do mundo.

Nesse ponto de vista, o Papa alerta que a Igreja precisa estar de braços abertos como o pai na parábola do filho pródigo - evidenciando esse tempo de conflitos, no qual muitos migrantes necessitam de acolhida em diversos lugares no mundo.

Centrado na questão dos migrantes e refugiados, o Papa desloca-se para a Ilha Grega de Lesbos¹⁴, em abril de 2016. Segue trecho de seu discurso:

Esta é a mensagem que, hoje, vos quero deixar: não percais a esperança. O maior presente que podemos oferecer uns aos outros é o amor: um olhar misericordioso, a solicitude por nos ouvirmos e compreendermos, uma palavra de encorajamento, uma oração. Oxalá possais partilhar este presente uns com os outros. Nós, cristãos, gostamos de contar o episódio do Bom Samaritano, um estrangeiro que viu um homem necessitado e, imediatamente, se deteve para socorrê-lo. Para nós, é uma parábola alusiva à misericórdia de Deus, que se destina a todos (Ele é o Misericordioso); mas é também um apelo para demonstrarmos a mesma misericórdia àqueles que passam necessidade. Que todos os nossos irmãos e irmãs, neste continente, possam – à semelhança do Bom Samaritano – vir em vosso auxílio, animados por aquele espírito de fraternidade, solidariedade e respeito pela dignidade humana que caracterizou sua longa história. (Trecho do discurso do Papa Francisco em visita aos refugiados em Lesbos, na Grécia. 16 de abril de 2016).

Em um momento em que a Europa continua a colocar barreiras e fechar fronteiras em relação ao acolhimento dos migrantes¹⁵ e

¹⁴ Uma ilha localizada na Grécia.

¹⁵ São indivíduos que se deslocam em um espaço geográfico, de forma temporária ou permanente.

refugiados¹⁶, o Papa Francisco, homem de hábitos comuns e imenso apreço pelos pobres, sofridos e excluídos, sensível à essa situação, deslocou-se e foi ao encontro dos necessitados. “Sair em direção aos outros e chegar às periferias humanas” (Evangelii Gaudium 5, p. 40).

A atitude do Pontífice fala do “amar e servir” proposto para este capítulo. Muito mais do que um simples discurso, ele agiu e foi, realmente, ao encontro do outro.

Se uma Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos. (Evangelii Gaudium 48, p. 42).

Jesus não servia para ser aceito, servia porque amava. “Amar” e “servir”, são duas pequenas palavras que juntas têm o poder de mudar o homem e o mundo.

Fazer-se pequeno, simples, humilde e servidor significa estar de acordo com os ensinamentos de Jesus, da Igreja, dos Santos e do Papa.

Santo Inácio sintetiza: “Tudo que tenho e possuo vós me destes com amor, e todos os dons que me destes, com gratidão vos devolvo; disponde deles Senhor, segundo a Vossa vontade”.

Quando o homem reconhece essa verdade, todo serviço e missão acontecem numa atitude de agradecimento a Deus, por tudo que Dele recebeu.

Nessa disponibilidade de aceitar o convite a amar e o chamado a servir, faz o homem delinear seu cotidiano, naquilo que pode oferecer como dom de si mesmo e assim, contribuir com a Igreja e sua missão evangelizadora no mundo.

¹⁶ É toda pessoa que, em razão de perseguição devido sua raça ou religião, encontra-se fora de seu país de origem e busca refúgio em outro país.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo central a observação da expressão “amar e servir”. Duas palavras que resumem a obra e a santidade de Inácio de Loyola, uma das mais representativas figuras do catolicismo do século XVI.

O tema central do trabalho, traz uma reflexão: Temos amado e servido o próximo? Ou apenas amamos e servimos a nós mesmos?

Hoje, o mundo contemporâneo apresenta-se como sábio, repleto de muitos horizontes, porém, reconhece apenas alguns caminhos: comodidade, individualismo, consumismo, egoísmo, etc. Em consequência, nota-se que o homem busca preencher o vazio existente em seu interior com superficialidades. O Papa Francisco diz: “O grande risco do mundo atual e suas ofertas de consumo é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, na busca desordenada dos prazeres superficiais”.

Atualmente, contemplamos uma sociedade doente. O “essencial” foi deixado às margens e, a partir desse pressuposto, foi desenvolvido o conteúdo deste trabalho, cuja pesquisa é favorável para “ordenar a própria vida” na direção do “essencial”. O contexto histórico de Santo Inácio, o roteiro de oração apresentado nos Exercícios Espirituais e o “amar e servir” fundamentado em Jesus, Santa Tereza e no Papa Francisco, são um convite ao homem na construção de novas relações com Deus, consigo mesmo e com o próximo.

A proposta de “amar e servir” deverá ser vivida principalmente por meio da identificação com Jesus: a sensibilidade, a compaixão, a misericórdia, o acolhimento, a ternura, a bondade e a aproximação com os excluídos e necessitados, são gestos que

humanizam o homem e condensam o sentido da vida cristã. Para que isso aconteça é necessário sair do comodismo, do amor próprio e ir em direção ao outro, deixando-se envolver pela Graça e permitindo que o amor de Deus circule em si mesmo e no mundo, gerando vida em abundância.

Jesus como modelo de “amar e servir” nos ensina: “Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo” (Mt, 20, 26-27). O “amar e servir” do homem, precisa estar baseado em Jesus e nas suas atitudes.

Senhor, onde posso “amar e servir”? Esse questionamento deveria ser o clamor do coração do homem. Porém, o silêncio do egoísmo e individualismo se faz presente, consequência da falta de Deus.

Santo Inácio, deixou seu exemplo: entregou-se de corpo e alma a serviço da Igreja. Desapegado das glórias humanas, colocou sua confiança unicamente em Deus, pois sabia que Ele era o único meio que preencheria o vazio do seu coração. Também sabia que, por mais que o homem se esforçasse, sem Deus nada poderia realizar. Por toda sua vida buscou essa experiência, por isso nasceu em seu coração o anseio de “amar e servir”. Dizia: “Sair do próprio amor para abraçar o amor de Cristo é o processo que leva o homem a sair do próprio eu e abandonar-se ao Pai”.

Em conformidade, a Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho, do Papa Francisco, a qual faz parte das fontes bibliográficas do presente trabalho, surge como oportunidade para que o leitor se volte ao “essencial” da vida. Seus textos mobilizam o coração diante das mazelas provocadas pela sociedade contemporânea.

Sensível ao contexto atual, o Papa Francisco propõe uma Igreja em saída. “Prefiro uma Igreja acidentada por ter saído pelas estradas à uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. As narrativas vêm ao encontro dos desafios da sociedade atual. “Sair em direção aos outros para

chegar às periferias humanas”. Suas palavras oferecem motivações espirituais e um convite ao homem a viver a dinâmica do “amar e servir” em todos os lugares e ocasiões.

Em virtude dos aspectos apresentados, conclui-se que: a pessoa que faz uma experiência com Deus, sente-se profundamente amada e essa dimensão faz brotar o desejo de “amar e servir”, como forma de agradecimento.

Referências

ALBION, Gordon. **A História da Igreja**. Rio de Janeiro: Renes, 1969.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1492 - Cristóvão Colombo descobre a América**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/6911/hoje+na+historia+1492+-+cristovao+colombo+descobre+a+america.shtml>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2016.

_____. **Hoje na História: 1534 - Companhia de Jesus é fundada por Inácio de Loyola**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/14352/hoje+na+historia+1534++companhia+de+jesus+e+fundada+por+inacio+de+loyola.shtml>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2016.

_____. **Hoje na História: 1564 - Morre João Calvino Teólogo Francês, fundador do Calvinismo**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/12251/hoje+na+historia+1564++morre+joao+calvino+teologo+frances+fundador+do+calvinismo.shtml>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

BANGERT, Willian. **História da Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1985.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002

BORTOLINI, Pe. José. **Conheça o Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paullus, 2008. p. 5.

BRANDÃO, Inácio. **Ignácio de Loyola**. São Paulo: Três, 1974.

CABARRÚS, Carlos Rafael. **Ser pessoa em Plenitude: a formação humana na perspectiva inaciana**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

DHOTEL, Jean Claude. **Quem é Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 1974.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA. São Paulo: Loyola, 2004.

DIGNITATIS HUMANAЕ. CONSTITUIÇÕES, DECRETOS E DECLARAÇÕES. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

ECHANIZ, Ignácio. **Paixão e Glória: história da Companhia de Jesus em corpo e alma.** São Paulo: Loyola, 2006.

EDUCAÇÃO UOL. **Carlos V.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/carlos-5.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

_____. **Francisco de Vitória.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/francisco-de-vitoria.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

_____. **Nicolau Copérnico.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/nicolau-copernico.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

ESPIRITO SANTO, Maria José. **Com Tereza de Jesus, desejo ver a face de Deus.** São Paulo: Loyola, 2012.

FERNANDES, Cláudio. **A Concepção da História de Santo Agostinho.** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/a-concepcao-historia-santo-agostinho.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

_____. **Concílio de Trento.** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/concilio-trento.html>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 1996, p. 560.

_____. **Nova Enciclopédia Ilustrada Folha: A enciclopédia das enciclopédias.** São Paulo: Folha de São Paulo, 1996.

GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo. **Santo Inácio de Loyola: nova biografia.** São Paulo: Loyola, 1991.

IDÍGORAS, José Ignacio Tellechea. **Inácio de Loyola: a aventura de um cristão**. São Paulo: Loyola, 2001.

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Papa Leão X**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/papa-leao-x>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

LOYOLA, Inácio. **Autobiografia de Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Loyola, 2008.

KLAUS, Kramer. **Martinho Lutero, o monge que revolucionou o mundo**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2016/10/31/martinho-lutero-o-monge-que-revolucionou-o-mundo.html>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Loyola, 2015.

MAIA, Pedro (Org.). **Ratio Studiorum: método pedagógico dos Jesuítas**. São Paulo: Loyola, 1986.

MARTIN, James. **A sabedoria dos Jesuítas para (quase) tudo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

METTS, Ralph E. **Inácio Sabia: intuições pedagógicas**. São Paulo: Loyola, 1997.

MONTEIRO, Pe. Alexandrino. **Exercícios de Santo Inácio de Loyola: o caminho para a saúde espiritual**. São Paulo: Loyola, 2006.

OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia (Org.). **Visão Inaciana da Educação: desafios hoje**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

PAPA FRANCISCO. **Evangelli Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

PROPOSTA EDUCATIVA DE FÉ E ALEGRIA BRASIL: DIRETRIZES NACIONAIS. São Paulo: Loyola, 2009.

RAHM, Haroldo J. **Inácio de Loyola: um leigo de oração**. São Paulo: Loyola, 1989.

RAMAL, Andrea Cecília. **Carta de Santo Inácio de Loyola a um educador de hoje**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Educar para transformar: paradigma pedagógico inaciano**. São Paulo: Loyola, 2002.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO. **O que é o País Basco?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/geografia/o-que-e-o-pais-basco/>>. Acesso em 28 de dezembro de 2016.

_____. **O que foram as Cruzadas?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foram-as-cruzadas/>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

SANTO INÁCIO. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 1985.

SCHMITZ, Egídio Francisco. **Os Jesuítas e a Educação: filosofia educacional da Companhia de Jesus**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

TAPIA, Alberto Vásquez (Org.). **Dez anos das características da educação Jesuíta**. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

TIRADO, J. Monteiro. **Educação Inaciana Mudança Social: para uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Loyola, 2003.

TURCI, Érica. **Reino de Espanha: O primeiro império global da era moderna**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/reino-de-espanha-o-primeiro-imperio-global-da-era-moderna.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Inácio de Loyola: 1491-1991**. São Leopoldo: UNISINOS, 1991.

VATICANO II - **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998.